

Conferência proferida pelo Reverendíssimo Monsenhor Duarte da Cunha no jantar da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém subordinado ao tema “Marginalização dos Cristãos na vida social da Europa”

6 de Julho de 2012

I – Introdução: as raízes da cultura Europeia

O chamado Ocidente, que, como espaço geográfico e cultural, inclui toda a Europa, ao longo da sua história viveu sempre momentos alternados de paz e de tensões. Guerras, movimentos migratórios, mudanças demográficas e sociológicas, construções de cidades, aventuras para descobrir novas terras, tudo isso faz parte de uma longa história que viu nascer a Europa, com as suas nações e os seus Estados, tal como a conhecemos hoje. A Europa é, portanto, mais do que um espaço geográfico, são as pessoas, as famílias, as nações e, por isso, a cultura, ou melhor, as culturas que foram ganhando raízes ou que nasceram aqui. Uma certa noção do sentido da vida, uma dimensão religiosa presente no quotidiano, a consciência de certos valores necessários para construir sólidas relações humanas e promover um desenvolvimento económico, social, tecnológico, a todos os níveis, são aspectos que foram sendo forjados no Ocidente. "A cultura da Europa nasceu do encontro entre Jerusalém, Atenas e Roma - do encontro entre a fé no Deus de Israel, da razão filosófica dos gregos, e do pensamento jurídico de Roma. Este triplo encontro forma a identidade da Europa" (Bento XVI, discurso ao Parlamento alemão, 22/9/2011). A matriz cultural da Europa é, de facto, a aliança entre o pensamento filosófico grego - que reconhece o valor da verdade das coisas e ao mesmo tempo faz um apelo ao ideal e à estrutura metafísica da realidade -, o direito romano - que reconhece a dignidade de cada pessoa e a importância das instituições - e, finalmente, a fé cristã, ou seja, o conhecimento de um Deus Criador, que é Amor, que se fez homem para salvar os homens do pecado, que venceu a morte para lhes abrir a eternidade, que os acompanha ao longo da História através da Igreja - que instituiu para se manter acessível no caminho da vida presente - e que desvelou ao mundo a lei do amor como lei suprema.

II – Desafios e crises

Embora ainda hoje seja esta a estrutura de grande parte das vidas dos europeus, nos últimos 200 anos foi surgindo uma nova maneira de pensar a pessoa humana, uma nova antropologia, em que o homem é visto como independente de Deus e de qualquer lei natural, onde a vontade pessoal adquiriu a dimensão de criadora da verdade em vez de se sentir chamada a procurar a verdade para lá de si mesma. A grande mudança cultural na Europa, por isso, é sobretudo uma questão antropológica.

Um olhar atento para o modo de viver e de se entender a vida na Europa de hoje leva-nos a perceber que se tende a pensar a vida de um modo não cristão, e, conseqüentemente, pensa-se a pessoa e a sociedade de maneira totalmente diferente do que se fazia há alguns anos. A realidade é complexa e não pode ser sintetizada em poucas palavras, mas há alguns aspectos da situação actual que são autênticos desafios para a Igreja e que explicam a razão de ela ser muitas vezes marginalizada.

É verdade que há boas notícias e seria injusto dizer que o cristianismo desapareceu por completo, quando ainda é majoritário na Europa e está bem presente em tantos aspectos da nossa vida europeia. Aliás, em relação ao que se passava há cem anos, hoje há muitas coisas boas a acontecer: há menos gente com fome e há uma consciência do mundo e da proximidade de todos como nunca se tinha sequer pensado possível; o desenvolvimento científico e tecnológico fez-nos conhecer melhor o nosso mundo e trouxe vários instrumentos úteis ao nosso quotidiano e, por isso, melhorou muito a qualidade de vida; a Europa, onde as guerras pareciam ser uma coisa normal até à Segunda Guerra Mundial, desde há mais de 70 anos, que não tem sido palco de conflitos de dimensão continental. Mas, apesar de tudo isso, a sensação de que não estamos melhor está muito difundida e a percepção de que há uma violência escondida e de que falta a paz interior e a paz nas famílias leva-nos a constatar que nos está a escapar o essencial e que se está a tentar encontrar soluções para as crises dentro de um horizonte cultural que não consegue ir além de uma visão materialista. Hoje, quando se fala de crise, já muita gente reconhece que esta não é só económica e percebe que é fundamentalmente uma crise moral e, antes ainda, uma crise do sentido da vida. Jungern Habermas disse: "o sentido morreu, vivam os sentidos". Este relativismo generalizado, que se tem tornado, como lhe chamou o Papa no início do seu pontificado, a ditadura do relativismo, leva as pessoas a perderem a esperança de encontrar um sentido para a vida e a preferir viver o momento como se cada instante fosse tudo. Por tudo isto, devemos ter um olhar crítico para a sociedade actual. Alguns dirão que somos pessimistas, mas, de facto, a nossa fé diz-nos que a criação é boa e que Deus nos ama e acompanha com a Sua providência, embora também nos ensine que o mundo, por si, não é capaz de nos dar a felicidade e que a nossa esperança não se limita a este mundo. Ser capaz de apontar os erros do nosso tempo não é pessimismo, é tomada de consciência da missão. Além do mais, os cristãos sabem que a solução para os problemas não depende apenas das forças deste mundo, mas de Deus, e o que procuram não é apenas um mundo melhor, mas o Céu.

O empenho dos cristãos neste mundo faz parte da sua missão de anunciar o Evangelho, e, nesse sentido, eles devem empenhar-se para que haja justiça e paz, mas o seu objectivo não é este mundo. A tranquilidade e o bem estar que procuram promover está ao serviço da conversão dos corações e tem em vista facilitar o encontro com Deus, e não Vice-versa, a fé não pode ser reduzida a uma ajuda para que as pessoas sejam boas e construam um paraíso terrestre. Isso seria tornar a fé secundária, o que está em contraste com o que Jesus diz quando insistentemente convida os discípulos a deixarem tudo e O seguirem, ou quando diz que devemos buscar antes de mais nada o Reino de Deus e que tudo o resto virá por acréscimo. Vejamos agora três aspectos do nosso tempo que considero altamente críticos e que mostram a mudança cultural.

Uma das características mais relevantes da vida moderna é o **secularismo**. Deus foi relegado para um Céu distante, de onde terá dado o pontapé de saída de toda a criação, mas onde ficou, sem entrar em relação com a Sua obra. Quanto muito, depois da morte, as pessoas humanas terão de se confrontar com Ele, mas como a imagem de Deus é a de Alguém distante e indiferente, também estamos convencidos que o que aqui fazemos não é nunca muito grave nem tem algum mérito para ser premiado. Este Deus distante é um Deus solitário, um primeiro motor, como diria Aristóteles, mas nada mais. O que Jesus revelou sobre a vida interna de Deus, da comunhão entre Pai, Filho e Espírito Santo, mostra, pelo contrário, que Deus não é uma mónada incomunicável. E o testemunho de um povo que se sabe acompanhado por Deus desde Abraão, mas especialmente desde que o próprio Deus Se fez homem por amor, para dar a vida em abundância (Jo10,10), mostra que para os cristãos a verdadeira identidade da pessoa implica a sua relação com Deus, de onde nasce também a relação com os outros. Estas verdades, sobre Deus e sobre a pessoa humana, parece que hoje não têm direito a estar na vida pública. A religião é, agora, segundo a opinião dominante – não necessariamente majoritária –, algo que pertence à vida privada, ao reino da ilusão, não da realidade. Este ateísmo prático, que pretende criar uma sociedade perfeita, neutra em relação à religião, é, de facto, o grande desafio dos nossos tempos. Um desafio que a Igreja sente ser uma prioridade. É preciso, porém, sentir bem fundo o drama do secularismo - porque não se trata apenas de um debate de ideias - e os cristãos precisam de estar atentos e disponíveis para contrariar esta pretensão, que acaba por tentar impedir que a Igreja exerça a sua missão e seja uma comunidade de fé e quer que ela seja apenas uma associação cultural ou uma instituição social.

Muito ligado a este desafio, mas com alguns traços específicos, é a relação com a **Tradição**. Para lá de lutas entre conservadores e progressistas, que podem ser apenas questões de sensibilidade, é importante ter bem presente que a verdadeira cultura de um país ou, neste caso, de um continente, para sobreviver e desenvolver-se, tem de estar sempre em relação com o seu passado e com os desafios presentes. Quando a

relação do presente com a Tradição é harmoniosa, então há espaço para o desenvolvimento integral da pessoa e da sociedade. Quando se pretende cortar com o passado, julgando que o progresso consiste em ruptura, ou se quer voltar ao passado, negando o desenvolvimento, é impossível crescer. É típico do adolescente achar que pode começar tudo sem fazer caso do que recebe dos pais. E é típico da pessoa insegura ter medo da mudança. Pelo contrário, é próprio do cristão Europeu - ou deveria ser - olhar com ousadia para o presente, agradecido pelo passado e com vontade de responder aos desafios do futuro. O Papa tem defendido a ideia de que na Igreja, mas também na sociedade em geral, é preciso manter os laços com o passado e, por isso, ele fala tantas vezes da necessidade de uma hermenêutica da Continuidade para se perceber a fé e a vida, ou seja, de uma Tradição viva. A Tradição significa que recebemos uma proposta de vida, que cada um de nós deve acolher e actualizar, e, assim, contribuir com o seu génio para que os vindouros possam herdar uma proposta viva e não um fóssil. Será importante para a Europa, como a Igreja, a vários níveis e em muitas ocasiões, tem dito, acolher a Tradição que recebeu para continuar e crescer e não anular tudo aquilo que a nossa cultura europeia já tinha descoberto, em grande parte graças à fé cristã, como a centralidade da família fundada num matrimónio, a importância da verdade e da honestidade nas relações sociais e comerciais, a compreensão da vida comunitária como expressão do amor de uns pelos outros, a sensibilidade pelos mais desfavorecidos, a vontade de promover o desenvolvimento e de participar na continuação da obra de Deus através do trabalho, etc.

Outro aspecto da luta cultural é a que se trava a propósito da **liberdade** e da sua relação com a verdade. Trata-se, no fundo, de saber o que é o homem e perceber qual o sentido da sua vida e dos seus actos. O que é a liberdade? É apenas o poder fazer o que me apetece? É algo cujo limite é o outro, como se presume da famosa frase: “ a minha liberdade termina onde começa a do outro”? Nesse caso o outro é sempre um empecilho! Ou a liberdade tem de estar sempre ligada à verdade e ao amor, e consiste exactamente no poder ser quem se é e fazer o que é bem para os outros? O Concílio Vaticano II recordava, na Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo, que “o homem, única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma, não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo” (GS 24). É o amor, e não o egoísmo, e, portanto, a comunhão com os outros e não a independência que mostram a verdadeira grandeza da liberdade humana.

Se a liberdade se liga à verdade e ao amor, então surge a outra questão: é possível ser-se livre se não houver um Deus que nos criou para O conhecer e amar? E que olha para cada um de nós cheio de misericórdia e que nos julga independentemente do “poder” que temos neste mundo? Ou o homem é independente de Deus e, por isso, a sua vontade é a última referência ética? Pode-se fazer tudo o que se consegue fazer? Ou há uma verdade anterior que deve conduzir a liberdade e a vontade? A verdade não se pode impor, tem de ser sempre acolhida pela

liberdade. Foi assim que Deus nos criou para amarmos e não termos de fazer o bem à força. Mas, por isso mesmo, para se defender a liberdade, é preciso defender a verdade. E para se defender a verdade é preciso reconhecer que esta é anterior a nós e não uma construção nossa. Este tem sido o grande desafio da Igreja dos tempos da pós-modernidade. A verdade não se confunde com a mentira; nem com a aparência; nem com o engano; nem com a simples opinião. Por isso, ela é algo que devemos procurar incessantemente. Os cristãos acreditam que ela é mais do que uma afirmação ou uma definição, acreditam que a verdade última, que explica toda a realidade, é uma pessoa: Jesus Cristo. A Europa precisa de voltar a reconhecer a origem divina da verdade, para poder ser um espaço de promoção da verdadeira liberdade, ou acabar por ser um espaço de violência, onde cada um vê no outro uma ameaça à sua vontade ilimitada.

Com esta antropologia relativista e sentimentalista a tornar-se pensamento dominante e a querer tomar o lugar do cristianismo, os europeus, na sua grande maioria, mesmo muitos católicos, são levados a desistir de entrar no debate cultural. Uns, porque pensam que é impossível ou, pelo menos, inútil, outros, porque aceitam a premissa do relativismo, que diz que não há verdade que seja comum a todos e que, por isso, cada um deve cuidar apenas de si. Esta nova antropologia, que exalta a vontade como criadora da verdade e que não reconhece a dimensão social da pessoa como algo que lhe é intrínseco, não aparece, no entanto, como um desenvolvimento, ou como um progresso mas, como já o comunismo tentara fazer, propõe-se começar tudo de novo, anulando o património civilizacional que a Europa fora construindo. Ao tentar anular quanto uma geração recebe dos seus antepassados e ao propor uma cultura sem raízes morais, a nova antropologia acaba por ser violenta e desprezar os valores, sem os quais nenhuma sociedade se consegue sustentar. Não é razoável pensar que possam ser fundamento de uma moral social e de uma sociedade pacífica e justa, apenas emoções, sentimentos, caprichos fugazes, ou que seja possível construir a paz com a ideia de que a liberdade é uma onipotência desligada da verdade e do bem e que a vida se esgota neste mundo.

Estando nesta situação podemos fazer uma pergunta: o que pedem os cristãos à Europa de hoje? É uma pergunta que, de vários modos, vemos ser declinada, em todos os níveis da vida social e pessoal, mas é uma questão que não pode ser desligada da outra pergunta, que é como que o reverso da medalha: o que é que a Europa pede aos cristãos?

III – O que pedem os cristãos à Europa?

Os cristãos pedem sobretudo liberdade para viverem a sua fé em todas as suas dimensões. Liberdade de culto para rezarem; liberdade de consciência para pensarem

segundo a fé herdada dos Apóstolos e para não terem de fazer coisas que vão contra os seus princípios; liberdade de expressão para educarem os filhos de acordo com essa fé e anunciarem a sua fé sem que alguém lhes diga que não podem falar de Deus, e até a liberdade de intervir na vida pública, na política, na comunicação social sem serem desprezados ou discriminados.

Os cristãos pedem à Europa que esta não se esqueça das suas raízes, da matriz que a identifica, que não se esqueça que há bem e mal e que só o bem pode construir com segurança uma sociedade onde haja um autêntico desenvolvimento integral da pessoa, onde cada um se sinta acolhido e tenha o seu lugar para poder ser protagonista da vida social. Pedem, por isso, que a Europa se abra ao que a transcende, certos do que diz o Papa na Encíclica *Caritas in Veritate*: 78. "Sem Deus o homem não sabe para onde ir e não consegue sequer compreender quem é."

Os cristãos pedem, no fundo, à Europa que não se esqueça da sua história. A memória, que os cristãos pedem que a Europa mantenha, é fundamental para o futuro. A memória ensina e testemunha um caminho já percorrido e mostra, recordando os erros, o que não deve ser repetido. A memória ajuda a enquadrar no tempo os acontecimentos presentes e a julgá-los para se poder pensar um futuro consistente.

Os cristão pedem, ainda, à Europa, em particular às instituições de cada país, governamentais ou não governamentais, às empresas, às associações, a todos os que têm alguma responsabilidade social, que estejam atentos à realidade, aos verdadeiros problemas das pessoas e que tentem ajudar, que promovam a justiça, que se dediquem, com a criatividade que sempre marcou este continente, a descobrir modos solidários de entreatajuda, que respeitem os direitos e a dignidade de cada pessoa mas também das nações e dos valores nacionais.

Enfim, os cristãos pedem à Europa que esta testemunhe a sua consciência do valor da pessoa e que seja no mundo defensora dos valores fundamentais e dos direitos humanos; da liberdade religiosa; da vida em todas as suas fases, desde a concepção até à morte natural; da família, baseada no matrimónio, entendido como aliança entre um homem e uma mulher que se unem para toda a vida e se abrem ao dom dos filhos, assumindo a responsabilidade de os educar; pedem, ainda, que a Europa seja protagonista na protecção do ambiente e na liberdade educativa, para que as crianças e os jovens possam ter um futuro e não sejam sujeitos à homologação de uma cultura definida por quem tem o poder.

Importa ter em atenção que a Europa, a quem os cristãos pedem, em nome de todos os europeus, tudo isto, não é uma realidade abstracta nem são "os outros". A Europa somos todos nós e, por isso, é sobretudo aos próprios cristãos que tudo isto é pedido. Porque a cultura e a vida europeia se afastam da vida cristã, é preciso que os

cristãos se tornem activos na vida da sociedade e assumam a responsabilidade de tentar viver de acordo com a sua fé, mesmo que isso possa pedir sacrifícios e seja objecto de incompreensões e até de ataques. Os cristãos, movidos pelo amor que vem de Deus, são chamados a viver, no tempo que lhes é dado, de acordo com a sua fé, sem desistir da verdade, da justiça e do bem, e conscientes que isso implica pegar na cruz e seguir o Seu Senhor.

IV – Marginalização dos Cristãos: um facto e um desafio

Podemos agora falar desta onda contemporânea que é muito marcante na actual, também na Europa, e que ataca o cristianismo e os cristãos. Não há só uma moda cultural que se afasta do modo de viver proposto pelo Evangelho, como também há quem tente afastar da vida pública a dimensão religiosa e, de modo especial, o cristianismo. A liberdade religiosa pode ser atacada com perseguições - isto acontece quando uma autoridade, instituída ou não, tenta impedir, com leis ou com a força do poder, que os membros de uma religião possam viver e expressar a sua fé. Nós assistimos nos últimos tempos a situações destas em países do Médio Oriente ou de África, como foi o caso da Nigéria, e temos ainda bem presente o que se passou – e ainda se passa – nos países com regimes comunistas. Mas a liberdade religiosa também é posta em causa quando alguém é impedido, através das leis ou de regras de empresas ou de países, de viver ou expressar a sua fé como ela é - a isto chamamos discriminação. Todos sabemos que, na Europa, o cristianismo e os cristãos são, por vezes e infelizmente, discriminados, ou seja, o facto de se ser cristão vai-se tornando, de modo mais ou menos claro, um factor de discriminação. Por fim, há ainda uma outra forma de violar o direito à liberdade religiosa, que consiste em não tolerar a expressão da fé e fazer dos crentes ou daquilo em que acreditam objecto de troça. Se na Europa não há perseguições visíveis, há, no entanto, e cada vez mais, muitos casos de discriminação e de intolerância contra os cristãos. Isto não é só um sentimento ou um exagero dos católicos ou de outros cristãos, trata-se de um fenómeno que a própria Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) tem vindo a alertar como um perigo para a segurança e a paz na Europa.

Há muita gente que no seu emprego tem medo de dizer que é cristão, porque sente que isso pode pôr em perigo o seu posto de trabalho ou uma futura progressão na carreira. Há cemitérios e lugares com símbolos cristãos que são violentados. Há mesmo casos em que instituições da Igreja são forçadas a fechar para não terem de agir contra a sua consciência, como foram as agências de adopção em Inglaterra, quando foram pressionadas a considerar pessoas homossexuais, que vivem juntas, E que o Estado diz que são um casal, como possíveis pais para adoptarem crianças.

Há ainda muitos outros sinais de intolerância contra os cristãos ou contra a fé cristã. Pensemos na promoção de ideias e de espetáculos que ridicularizam as verdades e os acontecimentos da nossa fé. Pensemos nos políticos cristãos que são humilhados quando defendem a família ou a vida, ou se mostram solidários com os cristãos perseguidos no Médio Oriente ou noutros países. Recordemos o caso de Rocco Buttiglione que não pôde ser comissário europeu porque tinha uma ideia clara do que é a família. Há também a normalização de estereótipos que tendem a amesquinhar o cristianismo ou os cristãos. E, em certos casos há mesmo manifestações de ódio: aconteceu, por exemplo, no ano passado, quando um grupo na Hungria fez apelos a usar a violência contra os cristãos.

Em geral, não somos tolerados quando defendemos a família, aí somos acusados de homofóbicos; quando defendemos a vida desde a concepção, e, apesar de mostrarmos em tantas obras a verdadeira solidariedade com as mães e as crianças, somos acusados de insensíveis ao problema das mulheres e contrários à liberdade sexual, considerada um valor absoluto e sem referências morais; quando defendemos alguns princípios e valores fundamentais ou quando expressamos de modo claro a nossa fé somos acusados de fundamentalistas. E com outras acusações semelhantes parece que se quer mesmo que o cristianismo deixe de ter uma presença na esfera pública. Se isto tem, ou não, origem em movimentos ou organizações concretas, não me cabe a mim aqui aprofundar, mas julgo que é claro que há, não só pessoas, como também grupos, que consideram o cristianismo e, muitas vezes de modo particular a Igreja Católica, como a instituição que mais frente faz às suas iniciativas de tendência relativista e até niilista

V - O que a Europa pede aos Cristãos

Tudo isso, a meu ver, e paradoxalmente, pede aos cristãos, antes de mais nada, que sejam verdadeiramente cristãos, que as suas vidas sejam marcadas pela presença de Deus, que sejam pessoas de oração e vivam com profundidade os sacramentos; que tenham como certo nos seus corações que foram salvos, e, por isso, que não se calem mas falem de Jesus e de tudo quanto Ele ensina e que estejam dispostos a testemunhar a fé com alegria, se necessário até ao martírio. Que sejam pessoas de esperança, não porque ingenuamente acreditam que o homem resolverá todos os seus problemas, mas porque acreditam que Deus ama e não abandona os seus filhos. Não basta aos cristãos falar dos valores cristãos! Precisam de falar de Deus, e de se mostrarem pessoas de fé e não apenas de uma ética cristã.

A Europa pede aos cristãos que estes mantenham vivas, com o espírito da caridade cristã, as várias instituições que a Igreja dirige, desde as sócio-caritativas às educativas e culturais.

A Europa pede que os cristãos vivam e ensinem a sua Doutrina Social, para que seja possível olhar com esperança para a política e ter um juízo claro e sério sobre o que se passa na vida social e económica, para que se conserve dentro das estruturas um alto ideal de justiça, de honestidade e de bem comum, e para que nunca seja esquecido o princípio da subsidiariedade, quer nos âmbitos mais pequenos da vida social, quer nas tentativas de construir uma União entre estados soberanos, abrangente mas respeitadora da soberania das nações e dos Estados.

A Europa pede, ainda, aos cristãos que, como sempre o fizeram, promovam obras que dão testemunho da sua doutrina, que cuidem das crianças, das mulheres em necessidade, dos pobres, dos idosos, dos doentes. E sobretudo pede aos cristãos que sejam testemunhas do amor de Deus no trabalho, nas famílias, na vida social, que brilhe diante de todos a sua fé e a vida que brota desta fé.

Podemos, pois, concluir que, mesmo quando o barulho das novas ideologias pós-modernas parece querer convencer a Europa de que o cristianismo é uma coisa do passado e sem credibilidade, a Europa, ainda que tantas vezes de modo inconsciente, suplica aos cristãos que não desapareçam e que não se calem. É também por isso que quando vemos crescer, como infelizmente temos visto, o número de casos de intolerância e de discriminação contra os cristãos, devemos saber que isso não é indicativo de uma vontade comum, mas que nasce de pessoas e de grupos marginais que tentam contaminar a sociedade prometendo o bem-estar e relativizando tudo o que seja fundamento cristão da vida social.

É por tudo isto que podemos falar da urgência do contributo do cristianismo na construção da sociedade ocidental, e europeia em particular. Importa que surjam cristãos com uma fé segura, certos de terem encontrado pessoalmente Jesus Cristo e que alimentem essa relação na oração e na vida comunitária. O mundo de hoje precisa de cristãos que amem a Igreja e se sintam filhos da Igreja, porque, como dizia S. Cipriano de Cartago, não se pode dizer que se tem a Deus por Pai se não se tem a Igreja por Mãe. Mas os cristãos devem ser também, no nosso tempo, pessoas intelectualmente bem formadas, que conheçam a doutrina da Igreja e consigam perceber o que se passa no mundo, que tenham uma visão profunda da realidade, que entrem no debate cultural e se comprometam, mesmo na vida política e social a todos os níveis. A fé cristã, que tem como síntese moral o amor e reconhece na relação pessoal com Deus o fundamento da vida humana, mesmo que nem sempre seja vivida plenamente por muitos – porque todos somos pecadores –, é fundamental para o nosso mundo. A Igreja pode apresentar ao mundo as vidas de santos que, em todas as épocas da história e dos modos mais variados, souberam viver e testemunhar a

verdade da fé. Os ocidentais não podem desprezar Deus nem o contributo dos cristãos. Seria um suicídio. Os cristãos não podem demitir-se da sua presença no mundo moderno nem desistir de testemunhar a fé. Seria uma traição.